



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIIm
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS / SOCIOLOGIA

Talita de Amorim Torres

O SUICÍDIO ENTRE ADOLESCENTES E A FUNÇÃO MITIGADORA DA ESCOLA

Imperatriz
2023

TALITA DE AMORIM TORRES

O SUICÍDIO ENTRE ADOLESCENTES E A FUNÇÃO MITIGADORA DA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Maranhão como pré-
requisito à obtenção do grau de Licenciado em
Ciências Humanas / Sociologia.

Orientador: Prof.º Dr. Agnaldo Jose da Silva

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

de Amorim Torres, Talita.

O SUICÍDIO ENTRE ADOLESCENTES E A FUNÇÃO MITIGADORA DA
ESCOLA / Talita de Amorim Torres. - 2023.

36 p.

Orientador(a): Agnaldo Jose da Silva.

Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade
Federal do Maranhão, UFMA-Centro de Ciências de
Imperatriz, 2023.

1. Comportamento humano. 2. Escola. 3. Fato social.
4. Suicídio entre adolescentes. I. Jose da Silva,
Agnaldo. II. Título.

TALITA DE AMORIM TORRES

O SUICÍDIO ENTRE ADOLESCENTES E A FUNÇÃO MITIGADORA DA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Maranhão como pré-
requisito à obtenção do grau de Licenciado em
Ciências Humanas / Sociologia.
Orientador: Prof.º Dr. Agnaldo Silva

Aprovada em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Agnaldo Silva (Orientador)

Profª Drª. Betânia Oliveira Barroso (Examinadora)

Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa (Examinador)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, fonte da minha fé e coragem. A minha mãe, Gildene Coutinho de Amorim, minha inspiração de mulher, de mãe e de estudante, que mesmo com um bebê de colo, conseguiu concluir o seu Ensino Médio, eu estava lá. Ao meu pai Antonio Damys Costa Torres, que sempre lutou por mim e meus irmãos para que estudássemos e tivéssemos mais perspectivas de futuro. Aos meus irmãos amados, Diogo de Amorim Torres, Juliana de Amorim Torres e Daniel de Amorim Torres, pela força de não me deixarem desistir. Agradeço aos meus colegas de turma e professores por quem tenho muito apreço, pois somos guerreiros de luta, na academia e na vida, com muito esforço conseguimos aos poucos formar um por um. Ao meu orientador professor Dr. Agnaldo Silva, pelo auxílio e por todo apoio como docente ao longo do curso.

RESUMO

A proposta deste trabalho é discutir o suicídio entre adolescentes à luz da teoria sociológica de Durkheim (2000) e de outros estudiosos contemporâneos, como Braga e Dell’aglio (2013), Brito (2020), Lima (2020), Pais (1996), entre outros. Assume-se o pressuposto que o suicídio é tanto um fenômeno social quanto individual, na medida em que as condições objetivas desse tipo de morte são dadas pela sociedade, mas a tomada de decisão é sempre do indivíduo. O trabalho assume uma perspectiva eminentemente teórica e reflexiva sobre a literatura existente. Discute-se o fenômeno do suicídio ao longo da história, procurando mostrar que o suicídio é algo inerente à humanidade, sendo que a representação sobre esse tipo de morte varia no tempo e no espaço. Apresenta o adolescente como potencial vítima de morte voluntária, em razão de sua instabilidade emocional e desregramento social, característicos de sua idade. Por fim, apresenta a escola como um espaço de reflexão e mitigação desse fenômeno que atinge não apenas aqueles que a ele se aderem, mas a toda a sociedade.

Palavras-chave: Comportamento humano. Fato social. Suicídio entre adolescentes. Escola.

ABSTRACT

The purpose of this work is to discuss suicide among adolescents in the light of the sociological theory of Durkheim (2000) and other contemporary scholars, such as Braga and Dell'aglio (2013), Brito (2020), Lima (2020), Pais (1996), between others. The assumption is made that suicide is both a social and an individual phenomenon, insofar as the objective conditions for this type of death are given by society, but decision-making is always up to the individual. The work assumes an eminently theoretical and reflective perspective on the existing literature. The phenomenon of suicide throughout history is discussed, trying to show that suicide is something inherent to humanity, and the representation of this type of death varies in time and space. It presents the teenager as a potential victim of voluntary death, due to his emotional instability and social disorder, characteristic of his age. Finally, it presents the school as a space for reflection and mitigation of this phenomenon that affects not only those who adhere to it, but society as a whole.

Keywords: Human behavior. Social fact. Suicide among adolescents. School.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. ANÁLISE DO SUICÍDIO SOB UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA: CONCEITOS E DEFINIÇÕES	9
2.1 O MÉTODO DURKHEIMIANO	9
2.2 O SUÍCIDIO SEGUNDO DURKHEIM	11
2.3 O SUÍCIDIO SEGUNDO O EXISTENCIALISMO DE KIERKEGAARD	14
3. ANÁLISE DO SUICÍDIO SOB UMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA: A CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO OCIDENTAL DE SUÍCIDIO E SEUS DESDOBRAMENTOS	17
3.1 A MORTE E O SUÍCIDIO NA ANTIGUIDADE	17
3.2 A MORTE E O SUÍCIDIO NA IDADE MÉDIA	19
3.3 A MORTE E O SUICÍDIO NA MODERNIDADE E CONTEMPORANEIDADE: A QUESTÃO DA JUVENTUDE	21
4. ANÁLISE DO SUÍCIDIO ENTRE JOVENS E ADOLESCENTES E O PAPEL MITIGADOR DA SOCIEDADE E DA ESCOLA	23
4.1 O SUICÍDIO ENTRE OS ADOLESCENTES: FATORES SOCIAIS.....	24
4.2 O CAOS SOCIAL ESCOLAR: O <i>BULLYING</i>	26
4.3 O PAPEL MITIGADOR DA ESCOLA	27
4.4 O PAPEL MITIGADOR DO EDUCADOR	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
6. REFERÊNCIAS	33

1. INTRODUÇÃO

Conforme Durkheim (2000) aponta, o suicídio se caracteriza como uma consequência da pressão da sociedade contra o indivíduo, caracterizando o suicídio como um fato social. A sociedade, em um determinado momento de sua história, dependendo do grau de coesão e solidariedade entre seus membros, eleva ou diminui os índices de suicídio. Desta maneira, a prática do suicídio para a sociologia durkheimiana depende, predominantemente, de fatores sociais, culturais, políticos e econômicos. O adolescente, por não estar completamente socializado e adaptado aos valores e à moral coletiva dos adultos, torna-se mais suscetível a ser uma vítima da morte voluntária.

A metodologia deste trabalho se dará por meio de análise bibliográfica, permeado, principalmente, pelo uso da obra *O Suicídio*, originalmente publicada em 1897, pelo sociólogo Émile Durkheim (1858-1917) no qual contém uma profunda análise acerca do suicídio ou morte voluntária, definindo seu conceito como um fato social, por meio de coerção exterior e independente do indivíduo, contudo profundamente inserida na sociedade.

Para efeitos de análise acadêmica utilizar-se-á como principais referências os pressupostos sobre o suicídio na adolescência das autoras Luiza de Lima Braga e Débora Dalbosco Dell’aglio, “Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero”; “Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores” de Mara Dalila Leandro de Sousa Brito; “uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil” de José Mendes Ribeiro e Marcelo Rasga Moreira; “Adolescência, atos e o risco de suicídio” de Carolina Nassau Ribeiro e Andréa Campos Maris Guerra; entre outros estudos.

Os questionamentos que impulsionarão esta pesquisa são: Quais os aspectos teóricos que conceituam a noção sociológica e filosófica acerca do suicídio? Como as sociedades não contemporâneas encaravam a noção de morte e de suicídio? Como a noção de morte no Ocidente construiu o conceito de morte voluntária na Contemporaneidade? por que a adolescência é um dos períodos mais frágeis da *psiquê* humana? Como a escola e os educadores podem trabalhar para superar o comportamento e as ideações suicidas entre os adolescentes; qual o papel mitigador da escola?

Sendo assim, com o intuito de esclarecer tais questionamentos, este trabalho será estruturado por meio de três capítulos: o primeiro capítulo trata a respeito da conceituação teórica de Émile Durkheim (1858-1917) e Soren Kierkegaard (1813-1855) acerca do suicídio e desespero humano, no qual é tratado como principal peculiaridade da morte voluntária; a seguir, o segundo capítulo trata de análise sócio historiográfica sobre a noção ocidental de morte e

suicídio; por fim, o terceiro capítulo, se refere ao ponto central desta temática, no qual se trata sobre o suicídio na adolescência e o papel mitigador da escola para a prevenção do suicídio.

2. ANÁLISE DO SUICÍDIO SOB UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

O comportamento humano se caracteriza por processos mutáveis de observação e análise da prática. Estudar sobre o comportamento humano requer técnica e suprema engenhosidade do cientista, pois este tema não pode ser medido por instrumentos físicos. O fato que o torna mais difícil refere-se à sua familiaridade com os assuntos do cotidiano, sendo assim, é difícil exprimir relações ordenadas de compreensão. Segundo Skinner (2003), analisar o comportamento humano sem o respaldo da ciência pode torná-lo apenas mais uma generalização.

Desta maneira, uma investigação científica somente poderá alcançar êxito se conter métodos comparáveis de avaliação. Sendo assim, o comportamento humano e suas nuances precisam ser analisados a partir de teorias, conceitos e métodos próprios de investigação das ciências sociais. (DURKHEIM, 2000)

2.1 O MÉTODO DURKHEIMIANO

O primeiro conceito do qual tratar-se-á dessa questão consiste em uma definição generalizada, isto é, entende-se por suicídio uma morte provocada pela própria vítima. Contudo, esta definição é incompleta, pois é incorreto definir algo somente por uma característica. Mas por outro lado, o suicídio não pode ser definido por seu fim. De acordo com Durkheim (2000), o que define, sobretudo, o suicídio é o fato de que o sujeito que o pratica é sabedor de seus resultados, isto é, ele sabe que fazendo tal coisa ou deixando de fazer o resultado será sua própria morte

Assim sendo, o suicídio se torna intrínseco ao comportamento humano. E o comportamento humano é um tema para ciência social. Porém, é preciso atentar-se para o dispendioso sentimento de uniformidade que a ciência exata provoca, uma vez que, para este caso, não poderia ser aplicada. (SKINNER, 2003)

Isto é atribuído ao fato de que para Durkheim, as nuances do comportamento humano estão relacionadas com a consciência coletiva e não com uma vontade meramente individual,

ou seja, a coletividade determina e caracteriza o indivíduo. Para Durkheim a ciência deve ser comparativa e explicativa, isto é, um fato social somente pode ser explicado por outro fato social. Nota-se, deste modo, que a ciência social não faz parte da natureza das coisas e, por isso, não pode ser determinada pela lei da natureza, visto que a ordem social advém unicamente da atividade humana. (TEIXEIRA, 2002)

A ordem social não faz parte da ‘natureza das coisas’ e não pode ser derivada das ‘leis da natureza’. A ordem social existe unicamente como produto da atividade humana. (...). Tanto em sua gênese (ordem social resultante da atividade humana passada) quanto em sua existência em qualquer instante do tempo (a ordem social só existe na medida em que a atividade humana continua a produzi-la), ela é um produto humano. (BERGER; LUCKMANN, 1974, pg. 76)

Embora o fato social tenha como sua base a atividade humana, o método da mesma pode ser analisado, primeiramente, a partir do fato natural, quer dizer, o natural se apresenta no início e depois o fato construído se manifesta por meio da atividade humana.

De acordo com Teixeira (2002), o fato social e o fato natural são incomunicáveis, pois seus objetos de análise não se relacionam com a mesma ordem de realidade. Entretanto, Durkheim, por meio de seu método, unifica essas duas naturezas quando as aplica conforme as observa, as compara com outros fatos e somente depois poderá explicá-las. Deste modo, cabe à Sociologia estudar acerca dos fatos produzidos pela atividade humana, como o suicídio.

Desta maneira, cabe salientar que o fato social pode ser definido “como todos os fenômenos que ocorrem na sociedade, por pouco que apresentem, com uma certa generalidade, algum interesse social” (DURKHEIM, 2001, p. 20). Porém, nem toda atividade humana pode ser atribuída a ciência social, pois qualquer atividade, como alimentação, por exemplo, poderá ser atribuída erroneamente à Sociologia.

Sendo assim Durkheim (2001) explica que em todas as sociedades são criados fenômenos que se diferenciam de outras características de relevância para outras ciências. Logo, o comportamento humano se torna algo importante para os estudos sociais, ou seja, a consciência coletiva, o pensamento, a exteriorização social de atitudes atribuídas ao instinto humano ou a construção de sua conduta.

O fato social é um fenômeno construído por meio de sinais, o que faz sentido simbolicamente. Segundo Teixeira (2002, p. 148), “A pré-condição para que um fato social possa ser estudado cientificamente é que o sentido dos signos que o representa possa ser controlado e estabilizado pelo pesquisador, o que implica uma série de operações lógico

gramaticais de construção de enunciados”. Portanto, o fato social somente pode ser analisado cientificamente quando comparado a outro fato social cujo conjunto de símbolos podem ser controlados pelo cientista.

O fato social pode ser explicado conforme características de ordem especialmente particulares, como: maneira de agir, de pensar e de sentir de acordo com o contexto social. Por sua vez, é válido destacar que tais características não podem ser comparadas aos fenômenos orgânicos, pois se constituem por meio de representações e ações e nem com os fenômenos psíquicos, pois referem-se a fenômenos individualmente mentais, existentes apenas na mente do indivíduo. (DURKHEIM, 2001)

Sendo assim, quando a individualidade é cientificamente descartada pelo método, a sociedade em sua totalidade, toma seu espaço como domínio próprio da Sociologia. Isso quer dizer que o pensamento, ideias e condutas partem exclusivamente da coletividade. (DURKHEIM, 2001)

Em suma, o que Durkheim propõe em seu método é definição, classificação, explicação e, em seguida, enunciação das leis teóricas por meio da comparação de resultados. O teórico afirma que a Sociologia deve ser independente de quaisquer hipóteses do âmbito metafísico, ela não se valerá como um método científico vulgar, pelo contrário, deve ser distinta e independente para que se compreenda todas as peculiaridades dos fatos sociais. (PAIS, 1996)

2.2 O SUÍCIDIO SEGUNDO DURKHEIM

O suicídio não pode ser analisado pelo prisma do resultado final das ações do indivíduo. O ato de suicidar-se é caracterizado pela intenção de seu agente, entretanto, o suicídio deve ser definido conforme o “conhecimento de causa”, ou seja, “é a vítima no momento de agir, saber no que resultará a sua conduta, seja qual for a razão que a tenha levado a se conduzir assim”. (DURKHEIM, 2000, p. 14)

Sendo assim, a definição de suicídio deve ser construída por meio dos seguintes pressupostos, que são: morte resultante de um ato praticado pela própria vítima; morte resultante de um ato positivo ou negativo praticado pela própria vítima; morte resultante, direta ou indiretamente, de um ato, positivo ou negativo, perpetrado pela própria vítima; morte resultante, direta ou indiretamente, de um ato, positivo ou negativo, perpetrado pela própria vítima, que sabia que esse resultado se produziria. (TEIXEIRA, 2002)

Com efeito, há, digamos, suicídio quando a vítima, no momento em que comete o ato que deve dar fim aos seus dias, sabe com toda a certeza o que normalmente deve resultar dele. Mas essa certeza pode ser mais forte ou menos forte. Atenuando-a com algumas dúvidas, ter-se-á um fato novo, que já não é suicídio, mas é seu parente próximo, uma vez que entre eles existem apenas diferenças de grau. Um homem que se expõe cientemente pelo outro, mas sem que um desfecho mortal seja certo, sem dúvida não é um suicida (...). (DURKHEIM, 2000, p. 16)

Observa-se, deste modo, que além da intenção do indivíduo, deve valer também o resultado final do ato para a consistência da definição adequada em relação ao suicídio. Entretanto, o ato suicida para ser estudado como objeto da Sociologia precisa ser algo que atinja a sociedade em escala coletiva, tanto por seu ato, quando pela repercussão e consequência do ato.

Para se explicar o elemento social do suicídio, se faz necessário analisar as condições orgânico-psíquicas e o meio social em que ele ocorre. Sendo assim, a taxa de suicídios se caracteriza em uma ordem de fatos, permanente e, ao mesmo tempo, variável. A permanência se explica por meio de caracteres distintivos e diversos que se alinham paralelamente; e a variabilidade é a testemunha da natureza individual destes referidos caracteres, pois variam conforme a própria individualidade social. (TEIXEIRA, 2002)

No que se refere às variações, Durkheim afirma que “para uma mesma sociedade, desde que a observação se restrinja a um período não muito extenso, essa cifra é quase invariável” (DURKHEIM, 2000, p. 18). Tais variações são associadas a alguma crise que atinja, temporariamente, o estado social. Em intervalos mais longos de tempo, no qual o estado social esteja abalado, se elevam mais gravemente as taxas de suicídio para que depois se afirmem, se acentuem e, por fim, se estabilizem.

Deste modo, cada sociedade passou ou passará por algum momento de desordem em sua história que acarretará em uma predisposição para o suicídio. Segundo Durkheim (2000), a intensidade desta tendência pode ser medida de acordo com o número global de mortes voluntárias e a população de todas as idades e gêneros. Esse número é calculado, em sua maioria, proporcionalmente a um milhão ou a cem mil habitantes.

A taxa de suicídios em uma sociedade caracteriza-se por “uma ordem de fatos una e determinada”, uma vez que expressa uma tendência de sempre haverem mortes voluntárias, ou seja, uma taxa social de suicídios. Por isso, Durkheim (2000) deixa claro que este fenômeno somente pode ser explicado por causas precisamente sociais.

Ademais, Durkheim (2000) classifica os tipos de suicida: egoísta, altruísta e anômico, com uma classificação morfológica sobre as formas individuais dos diferentes tipos de suicídio.

Essa classificação não se baseia por causas particulares de suicídio e, sim, por causas sociais que as produzem, isto é, pretende-se buscar as condições sociais e não apenas as suas características, sendo assim, uma construção de âmbito etiológico.

Isto posto, para que se possa compreender o suicídio como um fenômeno social, “teremos de encará-lo desde o início sob a forma coletiva, isto é, através de dados estatísticos. A taxa social é o que temos de tomar diretamente por objeto de análise; é preciso ir do todo às partes” (DURKHEIM, 2000, p. 112). Assim sendo, Durkheim pretende deixar de lado o indivíduo, no que se refere às suas razões e seus ideais, e adotar uma análise acerca dos diferentes meios sociais (religião, política, família, profissão), causas dos quais o suicídio varia. Em consequência disto, é preciso voltar o olhar científico, especificamente, para o indivíduo para que as causas gerais do suicídio sejam entendidas.

Mas a sociedade não pode desintegrar-se sem que, na mesma medida, o indivíduo se desligue da vida social, sem que seus fins próprios; se tornem preponderantes sobre os fins comuns (...). Quanto mais os grupos a que pertencem se enfraquecem, menos o indivíduo depende deles e, por conseguinte, mais depende apenas de si mesmo (...). Se, portanto, conviermos chamar de egoísmo esse estado em que o eu individual se afirma diante do eu social (...), poderemos dar o nome de egoísta ao tipo particular de suicídio que resulta de uma individuação descomedida. (DURKHEIM, 2000, p. 258)

O suicídio egoísta é aquele em que o ego individual se afirma sobre o ego social, sendo assim desenvolve-se uma demasiada individualização. Isso se deve às relações entre o indivíduo e a sociedade que se enfraquecem e a vítima não encontra mais sentido em viver.

(...) uma individuação excessiva leva ao suicídio, uma individuação insuficiente produz os mesmos efeitos. Quando é desligado da sociedade, o homem se mata facilmente, e também se mata quando é integrado nela demasiado fortemente. (DURKHEIM, 2000, p. 269)

O suicídio altruísta consiste quando a vítima doa sua vida em prol do grupo. Sua conduta está atrelada a um grupo ou objetivo maior. Durkheim nos conta que os guerreiros vikings consideravam vergonhoso ter uma morte natural e, por isso, se matavam para escapar dessa maldição. Os godos se suicidavam quando estavam cansados da velhice. Enfim, esses traços de conduta social eram comuns em muitas sociedades.

Toda ruptura de equilíbrio, mesmo que resulte em maior abundância e aumento da vitalidade geral, impele à morte voluntária. Todas as vezes que se produzem graves rearranjos no corpo social, sejam eles devido a um súbito

movimento de crescimento ou a um cataclismo inesperado, o homem se mata mais facilmente. (DURKHEIM, 2000, p. 311)

Por fim, o suicídio anômico se refere à uma situação de anomia social, quando falta um cimento social ocasionando em caos, fazendo com que a normalidade social não seja mantida, como, por exemplo, uma crise econômica, onde há uma completa desregulação das regras da sociedade.

Para Durkheim as causas sociais do suicídio são forças sociais que variam de sociedade para sociedade, de grupo social para grupo social, isto é, o ímpeto suicida se revela por causa do grupo ou da sociedade e não vem de causa exclusivamente individual. (DURKHEIM, 2000)

Nota-se, portanto, que Durkheim pretendia apontar as causas sociais para o suicídio. Cada tipo é representado por uma gama de fatores relacionados com as estatísticas de suicídio. Sendo assim, evidencia-se a concepção de Durkheim de moralidade e solidariedade social, uma vez que para ele o suicídio mantém uma correspondência estreita com a solidariedade.

2.3 O SUÍCIDIO SEGUNDO O EXISTENCIALISMO DE KIERKEGAARD

Segundo Nilson Berenchtein Netto (2013), o suicídio não é qualquer morte, é uma determinada morte, algo de veras muito específico e delicado. Uma mazela da contemporaneidade capitalista. Sendo este um fator determinante para que o suicídio se apresente como um fenômeno social.

O termo ‘suicídio’ expressa duas ideias distintas: um modo de morrer tirando a própria vida, voluntária e propositadamente, sem grandes alterações no meio social; ou um ato de pecado, um crime contra a sociedade, maldição e condenação. (SZASZ *apud* NETTO, 2013)

Entretanto, a psicologia existencial-humanista, analisa o suicídio como um fenômeno social que denota o desespero humano. O filósofo existencialista Kierkegaard comenta que a condição humana é estabelecida conforme escolhas e decisões, sendo assim, o indivíduo cairá, em algum momento, em desespero iminente. O indivíduo é caracterizado por sua finitude e infinitude e quando uma dessas características predomina sob a outra, surge o desespero. (GILES *apud* SILVA, ALVES e COUTO, 2016)

Kierkegaard analisa a existência como algo muito particular, no qual cada ser humano deve se apresentar como protagonista no meio social. Seu método científico estava inteiramente voltado ao indivíduo e a sua importância acima do sistema que tentava renegar seu papel no mundo ao ostracismo. Em sua obra, o “Desespero humano”, o filósofo considerava o desespero

como uma doença fatal e como o único mal da humanidade para o qual não há cura, algo pior que a própria morte.

Deste modo, a sociedade contemporânea contribui para que o indivíduo vivencie o desespero existencial, desenvolva um desprezo pela realidade, se afunde em tédio, solidão e angústia. Por fim, o que resta para o indivíduo é findar sua existência.

A morte voluntária, para a sociedade, é a síntese do mal e não uma solução. Como valida Durkheim sobre o tema, o suicídio é um fenômeno socialmente negativo e inevitável. Todavia, o senso comum caracteriza erroneamente a vítima apenas como louca ou desequilibrada. (NETTO, 2013)

Porém, longe desta equivocada perspectiva, Kierkegaard comenta que no desespero o ‘eu’ se torna consciente do seu ‘eu’ infinito. Sendo assim, se apresenta um paradoxo: o homem em sua existência é ao mesmo tempo finito e infinito, portanto a vocação infinita do ser é o desespero e a angústia. Para o filósofo, o desespero significa a doença mortal que abraça todo o nosso ser e surge a partir de nossa consciência infinita. “O Homem é uma síntese de infinito e finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em resumo, uma síntese”. (KIERKEGAARD, 2003, p. 19)

O desespero pode ser caracterizado como um tédio existencial. O indivíduo sofre a dor de ver o tempo passar e não conseguir desenvolver suas habilidades existenciais. É por causa do tédio existencial que o indivíduo se angustia. Uma perspectiva que se tornou inerente à condição humana. (ANGERAMI-CAMON *apud* SILVA, ALVES e COUTO, 2016)

Da mesma forma como provavelmente não haja, segundo os médicos, ninguém completamente são, também se poderia dizer, conhecendo bem o homem, que não há um só que esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o quê de desconhecido ou que ele nem ousa conhecer, receio de uma eventualidade exterior ou receio de si mesmo. (KIERKEGAARD, 2003, p. 27)

Nota-se que o desespero é intrínseco a humanidade, não pode se escapar dela, não importa a causa, condições ou contextos. Quando o ser se encontra em desarmonia, as perturbações assolam a existência. A autorrealização se torna algo quase impossível.

Sendo assim, a noção de angústia vale ser destacada, deste modo, Sigmund Freud, em sua obra ‘Interpretação dos sonhos’ explica que a angústia é o resultado do impulso libidinoso inconsciente que, por sua vez, é inibido pelo consciente, isto é, a pré-consciência (catexia) esconde o impulso, no qual resultará no recalque e na repressão que terá como finalidade a liberação do desprazer e angústia. (FREUD *apud* BUNHARI e DARRIBA, 2014)

Diante disto, Freud propõe que as motivações suicidas advêm de um “acidente casual”, caracterizado pela intenção inconsciente de autodestruição ocasionada por impulsos auto infligidos e por questões que se opõem a ela. Contudo, o psicanalista caracterizava o suicídio como algo oriundo de causas misteriosas e sombrias, por isso sempre se via envolvido em um questionamento: a renúncia da autopreservação teria como base motivos do próprio eu? (FREUD *apud* BUNHARI e DARRIBA, 2014)

Segundo Bunhari e Darriba (2014), Freud (1969) propunha para sanar esse questionamento tomar como ponto de partida a noção e condição da melancolia, “que nos é tão familiar clinicamente, e uma comparação entre ela e o afeto do luto”. (p. 244). Freud explica que a melancolia é a base para o suicídio, que ao passar do tempo se torna uma renúncia do próprio ‘eu’.

Silva, Alves e Couto (2016) expõem que o ato suicida é concebido como um modo de vivência de aniquilamento existencial. Deste modo, é pertinente levar em consideração aspectos culturais e sociais que estejam em torno do indivíduo para que sua propensão suicida seja analisada e compreendida, uma vez que quando o suicida comete o ato da morte, apenas deve ficar claro que já não se suportava mais a própria existência.

Diante disto, Kierkegaard comenta as diferentes personificações do desespero, caracterizadas por: o desespero infinito; o desespero finito; o desespero do possível; e o desespero da necessidade.

O Desespero do Infinito caracteriza-se como o afastamento do ‘eu’ para com o próprio ‘eu’, ou seja, quando nos afastamos do nosso próprio ‘eu’, corre-se o risco de cairmos no infinito. Passa-se a compreender a existência como um abstrato sem sentido, privando a nossa própria existência do ‘eu’ interior. (KIERKEGAARD, 2003)

O Desespero Finito, por sua vez, é a “estreiteza do espírito”. O indivíduo cai em um estado de apatia com o próprio ‘eu’, perde-se a identidade, sua singularidade. “Perdido não porque se evapora no infinito, mas porque se fecha no finito, e porque em vez dum ‘eu’ se torna um número, mais um ser humano qualquer, mais uma repetição dum eterno zero”. (KIERKEGAARD, 2003, p. 36)

Sendo assim, de acordo com Freud, a depressão pode ser caracterizada como estados emocionais de um indivíduo. O primeiro estado está relacionado à apatia; e o outro refere-se ao estado oposto da excitação e bem-estar. Freud afirma, “sabe-se que existem pessoas cuja disposição geral de humor oscila periodicamente, de um abatimento excessivo a uma elevada sensação de bem-estar”, ou seja, para o psicanalista a depressão estaria ligada a inibição dos impulsos (estado oposto da excitação). (FREUD *apud* MEDEIROS e CALAZANS, 2021)

Observa-se que o indivíduo desesperado por causa de sua finitude, esquece seu lado especial, sua individualidade, integrando-se totalmente ao grupo que pertence, esquecendo suas peculiaridades que o tornam um ser único, se tornando apenas mais um na multidão.

O Desespero do Possível revela-se como uma negativa da necessidade. O ‘eu’ se perde devido à falta de senso de realidade. Nada é possível porque não é necessário. A necessidade cria possibilidades, porém o ‘eu’ perdido não encontra fronteiras no próprio interior para delimitar suas carências e, assim, saná-las.

O Desespero da Necessidade consiste na necessidade de transformação e na falta de uma nova perspectiva para solução de problemas, sendo assim, cai em desespero. É desesperança. “Se o ‘eu’ é necessidade, assim ele é ele próprio; se ele é possibilidade, assim ele está se realizando. Se o ‘eu’ se distancia da necessidade assim ele se perde no possível; se ele se fecha na necessidade, assim ele não cresce, definha e morre.” (KIERKEGAARD, 2003, p. 38)

Portanto, fica evidente que o desespero intrínseco à humanidade torna o indivíduo sempre suscetível ao ato suicida. As perspectivas e vicissitudes da vida social proporcionam ao indivíduo uma ruptura da vivência com sua própria existência. O suicídio, por estas razões, se torna uma consequência da vida em sociedade, para que depois possa se tornar algo de natureza especialmente particular.

3. ANÁLISE DO SUICÍDIO SOB UMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA: A CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO OCIDENTAL DE SUÍCIDIO E SEUS DESDOBRAMENTOS

A morte, além de ser um fato natural, é um fato social. Embora a morte seja uma certeza, ela está envolta em mistérios. Essa primordial característica desafia a humanidade em todos os aspectos de sua existência, por isso, a busca por respostas, seja pelos mitos, pela ciência ou pela religião, ajudou a definir desde os tempos antigos até a Contemporaneidade a nossa concepção de cultura e de sociedade. (CAPUTO, 2008)

Sendo assim, a noção da morte e seus mistérios têm uma grande importância na sociedade. A concepção de morte determina a noção que a humanidade tem sobre o suicídio e seus desdobramentos, sobretudo no âmbito social, uma vez que o comportamento humano está intimamente associado com o processo histórico e os contextos sociais.

3.1 A MORTE E O SUÍCIDIO NA ANTIGUIDADE

Na Roma Antiga, a vida particular de cada indivíduo era de interesse público, isto é, o ato de decidir sobre cada aspecto da vida devia ser compartilhado, uma vez que cada ação individual era refletida em um contexto de maior proporção na sociedade. Logo, cada núcleo familiar, com o intuito de manter a honra e o prestígio entre seus pares, deveria fazer qualquer decisão de âmbito privado por intermédio dos conselhos de outrem. Tal característica social se valia para qualquer decisão, como casar-se, punir um filho e até mesmo suicidar-se. (BRANDÃO, FERREIRA e SUSSUARANA, 2015)

Nota-se, deste modo, que esse estilo de vida se baseava conforme as doutrinas filosóficas da elite ganhavam força na sociedade romana, visto que se fazia necessária para influenciar os aspectos da vida social e política, sendo assim, a noção de morte e suicídio era apenas a consequência desse traço cultural. (BRANDÃO, FERREIRA e SUSSUARANA, 2015)

O suicídio do senador que sabe que o imperador se prepara para acusá-lo e condená-lo à morte; o suicídio do enfermo ou do velho que deseja uma morte digna ou mais branda que suas enfermidades: tais mortes voluntárias eram admitidas e até admiradas; a coragem do enfermo que foge ao sofrimento no repouso eterno era altamente louvada pelos próprios filósofos, pois o suicida firmara com seu sangue uma ideia filosoficamente exata: só conta o valor do tempo vivido, que sua extensão não multiplica. A vida privada encontrava refúgio no autocontrole, nos dois sentidos da palavra: ter a força de dispor da própria vida e reconhecer seu direito soberano sobre ela, em lugar de submeter-se à decisão da natureza. (BRANDÃO, FERREIRA e SUSSUARANA, 2015, 2015, p. 46)

Sendo assim, a prática do suicídio seria uma das maneiras mais eficazes de tomada de controle da vida privada, na qual era socialmente celebrada como um triunfo da soberania da própria individualidade. Mesmo assim, tal ato não deixava de ser um reflexo social coletivo de como a morte era encarada pela sociedade romana.

Por sua vez, na Grécia Antiga, o suicídio não era um ato de glória pessoal, mas um ato de covardia e condenação. Sendo assim, a sociedade grega renegava o suicida por meio da sanção institucional de uma sepultura solitária e esquecível, o suicida se tornava um anônimo desprezível. (MARQUETTI; MARQUETTI, 2017)

De acordo com Marquetti e Marquetti (2017), essa consequência se dava por causa do ideal de morte grego, no qual somente era socialmente aceita se ocorresse no campo de batalha. Deste modo, o suicídio era considerado como um tipo de morte feminina fadado a acontecer no

ambiente privado. Portanto, entende-se que na Grécia Antiga as mulheres cometiam mais suicídios que os homens como reflexo desse estigma cultural.

Assim sendo, vale destacar que a realidade da mulher grega, ao contrário do homem, estava relegada a vida privada, seu espaço social estava destinado ao interior do ambiente doméstico, podendo sair à rua somente em ocasiões excepcionais. A mulher grega não poderia até mesmo ter contato com hóspedes em sua casa, somente os indivíduos escravizados e seus maridos poderiam recebê-los. Por isso, o espaço de morte da mulher era o interior da casa, especificamente o quarto. (CABALLERO, 2010)

As mulheres gregas suicidavam-se, geralmente, no tálamo, o quarto conjugal, enforcando-se. “Atadas a nós e laços feitos de seus ricos mantos, elas se prendem à viga da cumeeira, que designa metonimicamente o palácio em sua dimensão vertical e que equivale, simbolicamente, ao marido.” (HOMERO *apud* MARQUETTI; MARQUETTI, 2017, p. 49)

Para as mulheres gregas a morte por suicídio era a única possível para escapar do desespero que as afligia. Por ser considerada um indivíduo de *status* inferior, estava destinado à mulher uma morte por suicídio não pura, ao contrário da morte masculina, devidamente viril, por intermédio da espada.

Tal estigma é evidente nas narrativas heroicas gregas, ou seja, morrem pelo enforcamento. Jocasta, mãe e esposa de Édipo; Fedra, esposa de Teseu; Eurídice, esposa de Creonte e mãe de Hémon e Meneceu; Dejanira, esposa de Héracles; Leda, mãe de Helena e Cliteminestra, etc. Todas essas personagens mitológicas seguem a mesma linha de ação que as mulheres gregas reais, trancam-se sozinhas, sem espectadores, no quarto conjugal, para enforcarem-se. (MARQUETTI; MARQUETTI, 2017)

Por consequência, o suicídio por enforcamento era visto pelos gregos antigos como uma morte desonrosa, desprovida de moral social, uma morte hedionda que evidencia, acima de tudo, o cúmulo da vergonha. Esse ato para os gregos afirmava uma expressão de feminilidade “pois as mulheres sabem que a corda pode ser substituída pelo véu, pelos adornos com que se cobrem e que são emblemas de seu sexo. (...). Esses instrumentos de sedução constituem virtualmente armadilhas de morte para as que os usam.” (LOURAX *apud* MARQUETTI; MARQUETTI, 2017, p. 53)

Portanto, fica explícito que na Antiguidade Ocidental a morte e o suicídio podem ser encarados de diversos modos dependendo do contexto social determinado pelas convenções e pelas doutrinas de cada espaço. Em Roma e na Grécia antigas, bases da civilização ocidental, o suicídio se dava por fatores sócio coletivos que acarretavam desespero e, por consequência, provocava o inevitável poder de escolha individual.

3.2 A MORTE E O SUÍCIDIO NA IDADE MÉDIA

A conduta do indivíduo, durante o período medieval, era definida pelo interesse social, as obrigações eram coletivas tanto quanto as relações estavam relacionadas ao bem comum da comunidade. “Ninguém tem nada seu, nem mesmo o próprio corpo que não esteja ameaçado ocasionalmente e cuja sobrevivência não seja assegurada pelo vínculo de dependência.” (ARIÉS, 2012, p. 17)

Sendo assim, a noção de espaço privado era limitada, visto que a hierarquia e o controle social eram evidentes e incentivados. Os segredos eram frágeis e partilhados entre o núcleo familiar com facilidade, isto é, a noção de individualidade não fazia sentido na sociedade medieval. “Se o segredo não é possível, ele também não é necessário, pelo menos não como nas sociedades modernas. Emoções e sentimentos podem ser experimentados de modo mais espontâneo.” (TOURINHO *apud* BRANDÃO, FERREIRA e SUSSUARANA, 2015, p. 233)

Por isso, a vida medieval, se comparado com a Contemporaneidade, se mostra como um modo de vida teoricamente mais dependente, pois a tomada de decisões era integralmente compartilhada. Nenhum indivíduo, independente do seu grupo social, estava fadado a solidão da liberdade.

Sob estas circunstâncias, na Idade Média a morte era encarada como uma consequência comum à humanidade, por isso não se tinha medo de morrer, mas se tinha medo de morrer desprevenido. Essa prevenção tinha como objetivo permitir que o moribundo organizasse uma cerimônia coletiva. Sendo assim, quando alguém morria, não existiam tantas demonstrações de tristeza, pois a morte era vista como natural. (ARIÉS, 2012)

A cerimônia fúnebre medieval acontecia no quarto do moribundo, onde toda a comunidade poderia participar. O processo de morte não era uma fantasia ou estava envolto em mitos, deste modo, não havia uma necessidade de respeito solene para com o morto, visto que até negociações eram feitas à beira do leito. (ARIÉS, 2012)

Entretanto, com a crise mortal da Peste Negra¹, o imaginário sobre a morte ganhara outra roupagem, pois a partir desse período surge uma nova iconografia baseada em temas macabros e, especificamente, acentua a ideia de juízo final, perda do paraíso e de inferno. A partir disto, a sociedade medieval passou a se preocupar mais ainda com seus atos em vida e seu destino final pela eternidade. (ARIÉS, 2012)

¹ Peste Negra foi a pandemia mais devastadora registada na história humana, tendo resultado na morte de 75 a 200 milhões de pessoas na Eurásia, atingindo o pico na Europa entre os anos de 1347 e 1351. Acredita-se que a bactéria *Yersinia pestis*, que resulta em várias formas de peste, tenha sido a causa.

No começo da Idade Média, especificamente no ano de 452, o Concílio de Arles declarou o suicídio como crime e, mais tarde, no ano de 563, o suicídio foi enquadrado como uma prescrição penal. Sendo assim, “Decidiu-se então que os suicidas não seriam honrados com nenhuma comemoração no sagrado sacrifício da missa e que o canto dos salmos não acompanharia seu corpo ao túmulo”. (DURKHEIM, 2000, p. 422)

Deste modo, desde a ascensão do Cristianismo como religião oficial europeia, a condenação do suicídio aumentou paulatinamente. A Igreja Católica tornou os suicidas escória da sociedade alegando que ninguém tem direito de tirar a própria vida sob o pretexto de fugir das dores e dos tormentos terrenos, pois quem fizesse isso estaria condenado a danação eterna. Segundo o teólogo católico Santo Agostinho o suicídio iria contra o sexto mandamento de Deus: “não matarás”, logo é classificado como um ato nefasto contra a autoridade de Deus. (MINAYO, 2005)

O suicídio na Idade Média se apresentara conforme as condições de determinados grupos sociais, sendo assim, diferentes sujeitos compuseram esse cenário social, “O camponês e o artesão se enforcam para fugir da miséria e do sofrimento; o cavaleiro e o clérigo se matam para escapar da humilhação.” (MINOIS *apud* DUARTE; OLIVEIRA, 2022, p. 15786)

Os dados acerca do suicídio no período medieval indicam que os homens se matavam três vezes mais que as mulheres (DUARTE, OLIVEIRA, 2022). Deste modo, vale destacar, que a forma mais utilizada se dava por enforcamento e, em seguida, por afogamento. O mês do ano em que mais ocorria as mortes era em julho, pois coincidia com o período do ano que se caracterizava por excesso de trabalho no campo. (DUARTE, OLIVEIRA, 2022)

Duarte e Oliveira (2022) comentam que a sexta-feira era um dos dias da semana em que a incidência de suicídio era maior na Idade Média, pois estaria relacionada religiosamente com o período da quaresma, onde o cristão se priva e se penitencia em memória à Jesus Cristo, portanto, suas condições físicas e mentais provavelmente se encontravam abaladas.

Já na segunda-feira, segundo dia de maior incidência de mortes voluntárias, manifestou-se como um dia significativo porque relacionava-se com o primeiro dia de trabalho da semana, logo era necessário que o indivíduo apresentasse maior equilíbrio emocional. Do contrário, o suicídio se mostrava como a única saída, fazendo com que o indivíduo tirasse sua vida em sua própria casa. Por sua vez, o horário de maior ocorrência se dava a partir de meia-noite e na madrugada, pois relacionava-se com o desespero, questões noturnas e trevasas. (SCHMITT *apud* DUARTE; OLIVEIRA, 2022)

A morte voluntária na Idade Média também estava envolta aos conceitos de loucura e de pecado contra Deus, uma vez que se age contra a própria vida, está agindo contra o amor-

próprio e o amor de Deus. O suicídio, portanto, era contrário à vontade divina, ou seja, somente Deus poderia definir quando nascemos e quando morremos. (AGOSTINHO *apud* DUARTE; OLIVEIRA, 2022)

Sendo o período medieval caracterizado integralmente pelos conceitos da cristandade, o suicídio era o maior ato de covardia contra a comunidade, pois significava uma transgressão para com o dever social. Quando o indivíduo se suicidava provocava a ruptura de uma ordem estabelecida, por isso, o suicida era um indivíduo estigmatizado e socialmente condenado.

3.3 A MORTE E O SUICÍDIO NA MODERNIDADE E CONTEMPORANEIDADE: A QUESTÃO DA JUVENTUDE

O conceito de individualidade passa a existir para a sociedade quando há condições para sua manifestação em todos os âmbitos do cotidiano. Ao contrário do período medieval, a sociedade moderna deu meios para que o indivíduo vivesse sua liberdade e poder de decisão com mais integridade, pois o modo de produção e o desenvolvimento da economia se fundiram para criar um sentimento de autonomia. A Modernidade trouxera, portanto, a ideia de escolhas, liberdade e autocontrole. (ELIAS e TOURINHO *apud* BRANDÃO, FERREIRA e SUSSUARANA, 2015)

Com o desenvolvimento da noção de individualidade surge, paralelamente, a ideia de valorização do ser. Conceito que fica explícito nos ícones artísticos e científicos do período desde a ascensão do Renascimento² e Iluminismo³, ou seja, a sociedade caminhava em conjunto com a noção de Antropocentrismo⁴. (CONTAMINE *apud* BRANDÃO, FERREIRA e SUSSUARANA, 2015)

Por outro lado, entretanto, as perspectivas da Modernidade não ceifaram as noções medievais de morte e suicídio por completo, visto que a mentalidade coletiva se transforma gradativamente dependendo de diversos contextos e condições que podem levar séculos até que se consolide como padrão social. Por isso, na Idade Moderna o suicídio era considerado como pecado mortal contra a vontade de Deus, um crime de ordem social. (BATISTA, 2019)

² O Renascimento foi um movimento cultural, econômico e político, surgido na Itália no século XIV e se estendeu até o século XVII por toda a Europa. Inspirado nos valores da Antiguidade Clássica e gerado pelas modificações econômicas, o Renascimento reformulou a vida medieval, e deu início à Idade Moderna.

³ O Iluminismo se iniciou como um movimento cultural europeu do século XVII e XVIII que buscava gerar mudanças políticas, econômicas e sociais na sociedade da época. Para isso, os iluministas acreditavam na disseminação do conhecimento, como forma de enaltecer a razão em detrimento do pensamento religioso.

⁴ O antropocentrismo é um pensamento filosófico que coloca o homem como indivíduo central para o entendimento do mundo. O termo tem origem grega e em sua etimologia temos *anthropos*, que significa "humano", e *kentron*, "centro", logo homem no centro.

Justamente nessa época, foi se desenvolvendo concepções acerca da loucura. “Será essa a razão do suicídio?” Porém a prática suicida, mesmo sob a alegação da loucura, não deixava de ser vista como pecado mortal, portanto, completamente condenável. (BATISTA, 2019)

A respeito da Filosofia Moderna, o Iluminismo, por meio de Kant, Hume, Montesquieu, d’Holbach, Rousseau, Diderot, ou Jean Dumas, debateu sobre o suicídio e seus desdobramentos. Sendo assim, em um âmbito mais racionalizado, o suicídio foi considerado como uma consequência natural de doenças mentais ou perturbações de ordem emocional. Com isto, o tema do suicídio se desintegra parcialmente do debate moral e adentra ao debate científico. (BATISTA, 2019)

Dentro dos moldes da Idade Contemporânea, por outro lado, Durkheim analisa o suicídio pelo prisma social, isto é, para os casos de suicídio em que o indivíduo apresentava desordens mentais a temática fica à cargo da Psicologia, mas para aqueles em que não há caso de doença mental, o suicídio deve ser analisado como consequência da “pressão ordenadora que a coesão social exerce sobre os indivíduos. Aqui, não cabe falar em problemas de saúde individuais, mas em problemas sociais e econômicos.” (RIBEIRO; MOREIRA, 2018, p. 2822)

Sendo assim, o suicídio na contemporaneidade é considerado como resultado das transformações econômicas e sociais tendo como consequência o desenvolvimento da individualização, na qual produz diversos sofrimentos de autopercepção, confusões de imagem, competição. Considera-se, portanto, que estes males são a “fonte convergente de mal-estar”. (BRANDÃO, FERREIRA e SUSSUARANA, 2015)

Por causa disto, desde a Idade Moderna até os dias atuais, a adolescência passou a ser encarada como um momento crítico de qualquer indivíduo.

A adolescência além de ser um perigo para o indivíduo é também um perigo para a sociedade. Em busca de si mesmo o adolescente é narcisista: ele procura sua imagem moral e física. Sente-se fascinado pelo espelho. É o único de que fala Max Stirner, tendendo, portanto, desintegrar a sociedade, o que também é enfatizado por Durkheim. Se os jovens se suicidam com facilidade, é porque estão mal integrados nas solidariedades sociais. Além disso, o desejo sexual do adolescente o conduz à violência, à brutalidade e até ao sadismo (por exemplo, com os animais). Ele aprecia a violação e o sangue (BRANDÃO, FERREIRA e SUSSUARANA, 2015, p.238).

Nota-se, deste modo, que o adolescente, sendo fascinado pela própria imagem, se torna um alvo para as estatísticas a respeito da morte voluntária. Por sua conduta, o adolescente é um instrumento de desordem social, uma vez que não se sentem completamente integrados. E quando não se veem completamente integrados, se frustram.

Na sociedade contemporânea, a integração social é considerada como um fruto das próprias escolhas do indivíduo. Assim sendo, a necessidade de integração entre os interesses íntimos e os sociais parece demonstrar particularidades referentes ao suicídio. Desde a Antiguidade até a Contemporaneidade a frustração social e moral, seja no âmbito econômico ou religioso, acarretam risco de suicídio.

4. ANÁLISE DO SUICÍDIO ENTRE JOVENS E ADOLESCENTES E O PAPEL MITIGADOR DA SOCIEDADE E DA ESCOLA

A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirma que mais de 800 mil pessoas se suicidam todo ano, já as tentativas de suicídio dobram de perspectiva. No Brasil a cada 40 minutos acontece um suicídio, representando um índice de 5,8 suicídios por cada 100 mil habitantes. Sendo assim, tais estatísticas se concentram em países pobres ou em desenvolvimento. (BARBOSA; TEIXEIRA, 2021)

O Brasil está entre os dez países com uma das maiores taxas de suicídio do mundo, ocupando o oitavo lugar em números absolutos, principalmente quando os índices se referem ao suicídio de jovens e adolescentes de 15 a 29 anos. Deste modo, vale salientar os principais motivos da tentativa ou da consumação do suicídio consistem no desespero, desesperança, desamparo, doenças mentais e desordem psicossocial. (BARBOSA; TEIXEIRA, 2021)

4.1 O SUICÍDIO ENTRE OS ADOLESCENTES: FATORES SOCIAIS

Segundo Durkheim (2000), os casos de suicídio provocados por fatores de ordem psíquica não interessam à sociologia, mas sim à Psicologia. Justamente neste âmbito, somente pode ser analisado os aspectos clínicos e individuais se caracterizando como uma condição de saúde pública. Por sua vez, no âmbito da sociologia, o suicídio deve ser entendido como um fato social, na medida em que suas causas são exteriores aos indivíduos.

Em virtude disto, evidencia-se que cada sociedade, em determinado momento de sua história, estará apta a enfrentar altos índices de suicídio. Desta maneira, a prática do suicídio para a Sociologia depende, exclusivamente, de fatores, sociais, culturais, políticos e econômicos, ou seja, o suicídio guarda características locais referente aos contextos sociais de cada país. (RIBEIRO; MOREIRA, 2018)

Sales e Aguiar Filho (2020) explicam que as mortes violentas estão quase sempre associadas à adolescência, uma vez que é um período marcado por diversas transformações biológicas e psicossociais, que exibem a dificuldade de se estar vivendo em um mundo repleto de desigualdades e frustrações. Portanto, a angústia causada por esses fatores se relaciona com os impulsos naturais dessa idade. “O Suicídio na adolescência é uma espécie de fuga escolhido depois que uma série de outras condutas tenha sido testada e tenham fracassado. O adolescente acredita que o suicídio significa um desejo de mudança, de saída para o estado que se encontra”. (MOESSA *apud* SALES e AGUIAR FILHO, 2020, p. 07)

Por causa destas características, os adolescentes se tornaram a parcela da população mais suscetível ao suicídio, pois é justamente nesse período que o indivíduo vê a necessidade de construir seu papel social e um sentido à sua própria existência. (RIBEIRO; GUERRA, 2020)

O adolescente está “apressado para encontrar o lugar e fórmula” - alusão à poesia de Rimbaud -, o que o coloca em uma relação peculiar com o tempo e com a intensidade da vida. Nesse sentido, sustentamos a tese, já aludida anteriormente, de que a adolescência implica uma clínica em que paira a pressão da urgência. Está além das possibilidades do adolescente esperar para concluir algo. Há muita pressa e precipitações. (LACADEÉ *apud* RIBEIRO; GUERRA, 2020, s/p)

Observa-se que nesse período da vida o indivíduo percebe o mundo à sua volta de modo puramente escatológico. A urgência em se construir socialmente provoca uma pressão sobre o jovem que o adoece gradativamente e, por resultado, o torna vítima do suicídio como fator social.

Em muitos países, o suicídio entre jovens e adolescentes ganhou conotações preocupantes inseridas em um padrão epidêmico. Braga e Dell’aglio (2013) afirmam que o comportamento suicida entre os adolescentes advém de problemas sociais, como a falta amistosa de convivência entre seus pares, como a prática do *bullying*, por exemplo.

Outro fator social que contribui para o comportamento suicida refere-se à vulnerabilidade gerada pela pobreza, pois as mazelas do estresse econômico e, por consequência, da instabilidade familiar acarretam em níveis maiores de ansiedade e depressão entre esses indivíduos. (BRAGA; DELL’AGLIO, 2013)

Por sua vez, o indivíduo adolescente incessantemente se arrisca, pois renega as referências tradicionais de entendimento da vida e de conduta para lançar-se à novas indagações e experiências. Sendo assim, o corpo físico se torna um objeto de prazer e de dor com o objetivo de procurar a própria identidade social. Todavia, tais comportamentos, segundo Lacadeé (2009), evidenciam aspectos da Contemporaneidade, ou seja, arriscar-se fisicamente se tornara

como uma espécie de rito de passagem ou a negação da infância e sua consequente fragilidade. (RIBEIRO; GUERRA, 2020)

Fuga, errância e condutas de risco são elementos importantes na adolescência, pois repetem algo da ordem do gozo, do sem sentido, para tentarem se localizar. Nesse sentido, o jovem está em busca de algo que enlace os registros, que faça laço, e para isso precisa ‘inventar outros parceiros, outras cenas, outras comunidades da vida, outros lugares de traduções, e mesmo correr riscos, pôr sua vida em jogo’. (RIBEIRO; GUERRA, 2020, s/p)

A procura por sua identidade social traz aos adolescentes fatores de risco que evidenciam um aparente comportamento suicida como o abuso de drogas, transtornos alimentares, automutilação, sexo sem segurança e diversas transgressões. Deste modo, o adolescente suicida expressa seu descontentamento por meio da autodestruição.

Ribeiro e Guerra (2020) comentam que o adolescente está apto à prática suicida, pois conclui uma resposta para os problemas muito rapidamente, não suportando o tempo de espera para compreender seus atuais contextos. Suicidar-se é resolver os problemas, uma saída. Com este pensamento, evidencia-se que o suicida busca mais viver do que morrer.

Ademais, vale destacar que o comportamento suicida entre os adolescentes pode ser categorizado pela ideação suicida, caracterizada por pensamentos e atitudes que denunciam a vontade de se matar; pela tentativa de suicídio, caracterizada por práticas autoagressivas, mas não fatais; e o suicídio consumado, caracterizado por uso de métodos letais que levam à morte. (MOTA, ALBUQUERQUE e OLIVEIRA-FILHO, 2021)

Skinner (1931), por meio da sua análise experimental do comportamento, propôs o behaviorismo radical, no qual o caracterizou como fenômenos diretamente observáveis: comportamento respondente refere-se ao indivíduo reagindo ao ambiente; o comportamento operante refere-se ao indivíduo reagindo sobre o ambiente, sendo esse último, o comportamento mais evidenciado pelas pessoas. (LENFRAÇOIS *apud* CÔGO *et al*, 2018)

Para Skinner (1931), o condicionamento operante baseia-se na noção de que o comportamento é um fator determinante para uma provável repetição do mesmo comportamento. Para isso, se faz necessário “um reforçador⁵ adequado e utilizado no momento certo para aquela determinada situação. (CÔGO *et al*, 2018)

⁵ Skinner define reforçador como um evento que se segue a uma resposta e altera a probabilidade de que determinada resposta ocorra novamente.

Sendo assim, segundo uma pesquisa estadunidense⁶ realizada durante cinco anos, mais de seis mil adolescentes com idade de 13 a 18 anos tinham planos concretos para cometer suicídio. Já no Brasil, uma pesquisa⁷ demonstrou que 13,8% dos adolescentes apresentavam tendências suicidas, 10,5% já haviam planejado e 5,5% já haviam tentado o autoextermínio. (MOTA, ALBUQUERQUE e OLIVEIRA-FILHO, 2021)

Em relação ao gênero, as meninas são de duas a três vezes mais inclinadas a cometerem suicídio comparado aos meninos. Contudo, são os meninos que utilizam métodos letais mais violentos para a autoextermínio como armas de fogo, enforcamento, acesso a lugares altos, overdose de drogas, etc. Por sua vez, as meninas utilizam de métodos menos coléricos para esse intento como overdose ou veneno. (RIBEIRO; GUERRA, 2020)

Apesar destas estatísticas, a tentativa de suicídio e o ato propriamente consumado são terrivelmente subnotificados, isso se deve a falhas de percepção do núcleo familiar e da sociedade que subestimam as causas que fizeram com que o adolescente cometesse tal atentado contra a própria vida, pois a sociedade esconde e renega as causas do suicídio e os suicidas (MOTA, ALBUQUERQUE e OLIVEIRA-FILHO, 2021). Por isso, Durkheim (2000) afirma que a sociedade desequilibrada produz o suicida, pois quando existem falhas de manutenção e integração social, não muito tarde, aparecem suas consequências, como o suicídio.

De acordo com estas perspectivas, nota-se que o suicídio também guarda motivações relacionadas à desordem social. O meio em que o indivíduo convive entre seus pares, quando não é integrativo, provoca desespero e desesperança. Por isso, o suicídio entre adolescentes se tornou um problema crescente, pois nessa idade a integração social se mostra mais exaustiva e complexa.

4.2 O CAOS SOCIAL ESCOLAR: O *BULLYING*

Uma das razões para que o adolescente esteja em desequilíbrio com seus pares refere-se à prática do *bullying* nas escolas. O *bullying* é um tipo de violência escolar agressiva onde a vítima fica à mercê de um agressor ou grupo agressor através de demonstrações de poder e agressividade intencional e sistemática sem qualquer motivo aparente que justifique tal violência. (MENDONÇA *apud* LIMA, 2020)

⁶ Pesquisa realizada no ano de 2015

⁷ Pesquisa realizada no ano de 2016

Para Souza (2015) o *bullying* é uma mazela presente em todas as escolas e sua influência vem crescendo gradativamente e sua propagação provoca nos estudantes um efeito de violência cíclica de difícil dissolução.

O termo *bullying* é a substantivação do verbo inglês *bully* e foi cunhado pelo psicólogo sueco Dan Olweus, na década de 1970, para abranger uma gama de outros termos referindo-se a violências entre pares utilizados em vários países do mundo, com o intuito de facilitar a sua classificação, seu reconhecimento, diagnóstico e intervenção. (SOUZA, 2015, p. 72)

A prática dessa violência é um fenômeno social preocupante, visto que se apresenta de modo sutil, intencional e repetitivo. Seu *modus operandi* determina relações desiguais de poder, por um longo tempo contra um mesmo indivíduo provocando consequências que afetarão a vítima o resto da vida.

Nota-se, deste modo, que os sintomas suicidas vindos da população escolar estão, na maioria das vezes, relacionados com os danos causados pelo *bullying*. Dentre as consequências psíquicas causadas por essa violência estão a depressão, a ansiedade, a sensação de vazio, o sentimento de culpa, distúrbios de sono e de alimentação, pessimismo, etc. (LIMA, 2020)

Tais implicações provocam no adolescente ideias e pretensões suicidas e, conseqüentemente, a consumação do ato. “O adolescente em crise se encontra no meio de uma luta entre si e o meio social em que vive e, se esse equilíbrio entre ambos for alterado, a morte seria sua única saída.” (LIMA, 2020, p. 18)

4.3 O PAPEL MITIGADOR DA ESCOLA

A adolescência é um período na vida do indivíduo envolto em grandes transformações biológicas, psíquicas e sociais que provocam rupturas com as características da infância e a consequente construção da identidade social. É justamente nessa idade que o indivíduo começa a formar criticidade sobre si e o mundo que o rodeia, podendo estar suscetível a desequilíbrios e comportamentos suicidas causados por uma possível desordem no seu meio social. (LIMA, 2020)

Sendo assim, a temática do suicídio na adolescência é algo que vem sendo discutido há muito tempo, inclusive pelo famoso psicanalista Freud, onde em uma reunião, na Sociedade Psicanalítica de Viena, fez uma reflexão sobre o suicídio dos jovens nas escolas, posteriormente publicada no pequeno texto que hoje é conhecido sob o título de “Contribuições para uma

discussão acerca do suicídio”, que trata até que ponto a escola se relaciona com o índice de suicídio entre seus alunos. (RIBEIRO; GUERRA, 2020)

Com isto, Freud explica em sua reflexão que a escola não pode impedir o suicídio de seus alunos, mas pode contribuir para que o adolescente desenvolva o desejo de viver por meio de amparo e apoio, visto que, nessa fase da vida, os vínculos familiares começam a ser rompidos e a escola se torna o núcleo social do indivíduo. (RIBEIRO; GUERRA, 2020)

A escola, segundo Freud, deve estar preparada para lidar com os estágios de desenvolvimento dos estudantes que, por ventura, podem ser bastante desagradáveis. Apesar da adolescência ser um período difícil, ela deve ser encarada, sobretudo, como uma fase de conquistas. (RIBEIRO; GUERRA, 2020)

Diante disto, observa-se que a escola desenvolve um papel mitigador para a prevenção do suicídio, uma vez que ela constrói o interesse dos adolescentes pelo mundo, pela sociedade e pela vida. Isso se deve ao fato de a escola preparar as novas gerações para o trabalho e para valorização da qualidade de vida. (LIMA, 2020)

Desta maneira, conforme a Organização Mundial da Saúde recomenda, a prevenção do suicídio deve envolver diversas atividades educacionais, aconselhamento familiar, controle dos fatores de risco e conscientização da comunidade. “A educação eficaz da comunidade, uma intervenção vital e básica, inclui o entendimento das causas do suicídio, assim como a sua prevenção e tratamento”. (OMS *apud* LIMA, 2020, p. 17)

4.4 O PAPEL MITIGADOR DO EDUCADOR

Quando o adolescente se encontra em um estado de desespero causado pelo caos social, a escola, como instituição educadora de valorização da vida, deve exercer apoio e fomentar o desejo de viver dos estudantes por meio de um ensino conscientizador acerca do mundo e da sociedade. Sendo assim, a figura do professor agrega uma importância fundamental para o desenvolvimento desse intento, isto é, o professor ajudará o adolescente a descobrir novas possibilidades em relação a sua existência. (LIMA, 2020)

A importância do educador não se limita somente à conscientização, mas também pode contribuir de modo significativo para o diagnóstico psicológico do adolescente, dependendo da sua formação, poderá identificar aparente sinais de ideações suicidas no aluno. (LIMA, 2020)

Primeiramente, o educador deve ter o entendimento básico de que o período da adolescência é uma fase de difíceis transformações para o indivíduo. Deste modo, é necessário “ter conhecimento dos indicadores e dos fatores associados ao agravo, constitui-se um passo

importante para subsidiar a comunidade escolar na prevenção da ideação suicida e tentativas de suicídio”. Portanto, os profissionais da educação precisam estar preparados adequadamente para enfrentar esta demanda. (MELO *et al*, 2018, p. 53)

Quando o educador detém o conhecimento acerca do tema do suicídio, ele está preparado para ajudar o adolescente a enxergar “possibilidades no seu existir enquanto sujeito”, assim o profissional poderá representar uma figura de apoio identificando os sinais de tentativa de suicídio que, na maioria das vezes, acaba escapando da percepção de outras pessoas que convivem com o jovem. (MELO *et al*, 2018)

Brito *et al* (2020) destacam que por meio da observação, o professor pode identificar sintomas de risco em algum aluno que possa estar com alguma ideação suicida. Sintomas como tristeza, isolamento e problemas familiares, geralmente, surgem repentinamente no contexto da sala de aula. Porém, o comportamento suicida mais preocupante e evidente é a automutilação.

Sendo assim, o método mais eficaz para a prevenção do comportamento suicida na escola é a aproximação professor-aluno com o objetivo de criar laços de confiança. Em virtude disto, a identificação e conscientização no ambiente escolar podem evitar os altos índices de suicídio entre os adolescentes. (BRITO *et al*, 2020)

Por sua vez, Sganzerla (2021) comenta que identificar os sinais de comportamento suicida não é tão fácil, uma vez que alguns comportamentos podem ser considerados normais já que a adolescência é um período instável. Sendo assim, a dificuldade está em identificar as diferenças entre esses dois comportamentos.

Em função disto, Sganzerla (2021) define os sinais claros de comportamento suicida entre adolescentes que podem ser classificadas como “mudanças marcantes e repentinas nos hábitos e comportamento”, podendo ser elas: declínio geral nas notas; excesso de faltas; afastamento da família e dos amigos; descuido com a aparência; manifestação clara ou velada do desejo de morrer; falar sobre suicídio de outras pessoas; doar pertences valiosos; perda de interesse por atividades que gostava de fazer; perda ou ganho de peso; e falas e atitudes que denotam pessimismo.

Por fim, é notória a necessidade de desenvolver uma rede de apoio aos adolescentes que se sentem excluídos do meio social. Por isso, a escola e os educadores devem, de acordo com uma formação adequada, serem a base de suporte de conscientização acerca da prevenção do suicídio. Sendo assim, essa rede pode ser caracterizada por assistência social, psicológica e de saúde, afim de construir ações conscientizadoras acerca do comportamento suicida entre os adolescentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o comportamento suicida, além de ser aspecto inerente à humanidade, é também um fato social. Como tal, precisa ser observado e analisado à luz de teorias e métodos rigorosos de investigação social.

Sendo assim, analisar as peculiaridades da prática suicida deve ir além da constatação de que, nesse tipo de morte, vítima e autor são as mesmas pessoas. Para se configurar como suicídio torna-se necessário a constatação de que houve, por parte do autor, a intenção de tirar a própria vida.

É importante ressaltar também a força que a sociedade exerce sobre o indivíduo. Conforme Durkheim (2000), a sociedade vai preparando lentamente e regularmente um contingente de mortos voluntários. O suicídio é um fato social que se impõe às consciências particulares e se o indivíduo não estiver bem coeso e integrado ao seu grupo social ele pode ser aliciado e chamado para compor as estatísticas de mortos voluntários que a sociedade produz a cada ano, com uma relativa regularidade.

Segundo as análises sociológicas de Durkheim, o suicídio é a morte resultante de um ato praticado pela própria vítima, onde o resultado final atinge não só indivíduos isolados, mas grupos inteiros de pessoas que não estão bem integradas socialmente. Sendo assim, observa-se que o suicídio, de modo cíclico e perene, é um fenômeno produzido pela sociedade. Sua causa, portanto, é social.

Por conseguinte, vale destacar, que sendo o suicídio um fator social, o mesmo está associado ao grau de coesão e solidariedade existente entre os membros de uma sociedade. Desta maneira, o ímpeto suicida surge conforme o grupo no qual o indivíduo está inserido em determinada época e sociedade.

Na sociedade moderna, onde predominam o suicídio egoísta e o anômico, conforme os tipos de morte voluntária definida por Durkheim (2000), esse tipo de morte ocorre em função de um desregramento social. Entretanto, mesmo que a morte voluntária seja uma mazela provocada pela desordem social, este fenômeno é considerado como uma atitude de desprezo à sociedade por parte do indivíduo.

Contudo, a desordem social provoca no indivíduo o desespero que é inerente à faculdade humana. Posto isto, o filósofo Kierkegaard afirma que o desespero é uma característica da consciência infinita, pois a consciência humana é a síntese do infinito.

Deste modo, uma vez que o desespero é intrínseco à condição humana, o ato suicida sempre estará à espreita como resultado da desordem e desregramento social, ou seja, o suicídio

é uma consequência de um determinado tipo de vida em sociedade. Antes de se materializar como um fenômeno subjetivo, ele é um fenômeno objetivo, que existe primeiramente fora das consciências individuais, um evento social. A questão não é separar o individual do social, mas apontar para o entrelaçar e a indissociabilidade dessas instâncias.

Como um fenômeno que ameaça a solidariedade e a moral coletiva do grupo, desde a Antiguidade todos os aspectos da morte eram de interesse público. O indivíduo deveria ser o reflexo da sociedade em que vivia, pois somente desta maneira se manteria a honra e o prestígio no núcleo íntimo e social.

A depender do motivo do suicídio, a sociedade romana admirava a atitude da vítima como digna. Por sua vez, na Grécia Antiga, o suicídio era completamente condenável, relegando a vítima ao desprezo social por seus pares, uma vez que a morte era digna somente no campo de batalha.

Na Idade Média, a noção de individualidade ainda era precária e a força da coletividade se fazia sentir sobre esse tipo de morte. A morte continuava sendo vista como um estigma natural, portanto não causava grandes temores. Contudo, com o advento da Peste Negra na Europa, a morte ganhara conotações macabras e o suicídio, que anteriormente já era moralmente condenado, passou a ser um crime, passível de pena contra a sociedade.

Já na Idade Moderna, a noção de individualidade foi sendo transformada pelo pensamento filosófico iluminista e, por consequência, a análise do suicídio e da morte ganhou uma roupagem científica. Logo, a morte voluntária começou a ser considerada como um resultado social, ou seja, a sociedade produz as condições estruturais e objetivas de sofrimento e opressão que levam muitos de seus membros a optarem pelo suicídio.

Por essa perspectiva, entende-se que a sociedade é a fonte de sofrimento tornando todos os humanos suscetíveis ao desespero e, conseqüentemente, ao suicídio. Assim sendo, o ímpeto suicida sempre chegará mais abruptamente para quem é socialmente mais vulnerável, como são as populações pobres, os idosos e os adolescentes.

O adolescente, juntamente com os idosos, é um dos elos mais frágeis da sociedade, pois este indivíduo está passando por diversas transformações de cunho social e biológico que afetam sua autoimagem e sua identidade enquanto sujeito social. Por isso, quando o ímpeto suicida se torna evidente, o adolescente, muitas vezes, encara a morte voluntária como uma saída para o atual desespero no qual se encontra.

A adolescência é um dos períodos de maior vulnerabilidade em relação ao suicídio, visto que nessa faixa de idade o indivíduo está buscando construir seu papel social e querendo dar um sentido a sua própria vida. Essa espécie de “baixa imunidade” dos adolescentes frente as

investidas das forças sociais que o impelem ao suicídio, podem ser agravadas pela situação de vulnerabilidade social desse grupo de indivíduos, como a pobreza extrema, abusos sexuais, *bullying* e desajustes socioculturais mais amplos que atingem os grupos minoritários.

Outro fator social se deve aos problemas de caráter econômico, os quais provocam instabilidade familiar e o progressivo aumento da instabilidade social e emocional. A precariedade material o torna mais sensível às mazelas de sua existência, muitas vezes frustradas ou não correspondidas ao imaginário definido nas mídias sociais. Por isso, o corpo se transforma na principal expressão de prazer e dor do comportamento, seja por meio do uso de drogas, anabolizantes, antidepressivos, automutilações ou por outras formas de afirmação ou negação de sua identidade.

Sendo assim, a escola como instituição social, pode trazer, por meio de suas práticas pedagógicas mecanismos de prevenção ao comportamento suicida entre os adolescentes, pois a escola antes de preparar as gerações mais novas para o trabalho, deve prepará-los para a vida.

Por isso, conclui-se que a escola pode ser um espaço/tempo eficaz para a prevenção do suicídio entre os adolescentes. É verdade que esse é um problema de toda a sociedade civil, mas a escola, em especial os professores, podem ser instrumentos de ajuda e amparo a esses jovens e adolescentes que estão com algum tipo de ideação suicida ou até mesmo já tentaram tirar sua própria vida. É preciso ser/estar sensível aos alunos, em especial os adolescentes. Detectar algum sinal que o potencial suicida possa emitir, criar e incentivar redes de solidariedade entre os estudantes, alertar, debater, conscientizar. Enfim, fazer o possível e o impossível para mitigar essa mazela social.

6. REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philip. **História da morte no ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BARBOSA, Brenda de Araújo; TEIXEIRA, Francisco Anderson Fortuna de Carvalho. Perfil epidemiológico e psicossocial do suicídio no Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 5, 2021.
- BATISTA, Cristiano. O Suicídio na Europa da Época Moderna: perspectivas cruzadas. In. **Omni Tempore**: atas dos Encontros da Primavera. 2018. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade** – tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1974.
- BRAGA, Luiza de Lima; DELL’AGLIO, Débora Dalbosco. **Suicídio na adolescência**: fatores de risco, depressão e gênero. Rio de Janeiro: Contextos clínicos, 2013.
- BRANDÃO, Washington Oliveira; FERREIRA, Eleonora Arnaud; SUSSUARANA, Adriele Cardoso. O suicídio no contexto dos processos de civilização. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, v. 8, n. 2, p. 229-245, jul./dez. 2015.
- BRITO, Mara Dalila Leandro de Sousa et al. Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores. **Escola Anna Nery**, v. 24, nº 4, 2020.
- BRUNHARI, Marcos Vinicius; DARRIBA, Vinicius Anciães. O suicídio como questão: melancolia e passagem ao ato. Rio de Janeiro: **Revista Psicologia clínica**, 2014.
- CABALLERO, Cecília. **A gênese da exclusão**: o lugar da mulher na Grécia Antiga. 2010. Disponível em: <
https://www.researchgate.net/publication/47427108_A_genese_da_exclusao_o_lugar_da_mulher_na_Grecia_antiga>. Acessado em: 03 de junho de 2022.
- CAPUTO, Rodrigo Feliciano. O Homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. **Saber Acadêmico**. Revista Multidisciplinar da UNIESP, nº 6, 2008.
- CÔGO, Sanny Maria Britto. Et al. Contribuições da teoria de Skinner no processo educativo. Vitória: **Anais do V congresso regional de formação e educação a distância**, 2018.
- DUARTE, Juliana Calabresi Voss; OLIVEIRA, Terezinha. Considerações acerca do suicídio no período medieval sob a lente da história da educação. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.8, n.3, p.15783-15793, mar. 2022.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método científico**. Lisboa: Editorial Presença, 2001
- DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000
- KIERKEGAARD, Soren. **O desespero humano**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

LIMA, Bruno Belo. **O papel da escola na prevenção do suicídio juvenil**: desafios contemporâneos. Mazagão: Universidade Federal do Amapá, 2020.

MARQUETTI, Flávia Regina; MARQUETTI, Fernanda Cristina. Suicídio e feminilidades. **Cadernos Pagú**, nº 49, 2017.

MEDEIROS, Alberto Antunes; CALAZANS, Roberto. A depressão em Freud: uma análise do conceito a partir da teoria freudiana da libido. Rio de Janeiro: **Revista tempo psicanalítico**, 2021.

MELO, Hérica *et al.* **A escola como espaço de cuidado**: relatos sobre estratégias de prevenção ao suicídio e valorização da vida. 2018 (capítulo de e-book). Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/328497878_A_escola_como_espaco_de_cuidado_relatos_sobre_estrategias_de_prevencao_ao_suicidio_e_valorizacao_a_vida/link/5bd1ace845851537f59a024e/download>. Acessado em: 26 de julho de 2022

MINAYO, M. C. S. **Suicídio**: violência auto infligida. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

MOTA, M. A.; ALBUQUERQUE, R. N. e OLIVEIRA-FILHO, E.C. Comportamento suicida em adolescentes: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.4, n.4, p. 17397-17413 jul./aug. 2021.

NETTO, Nilson Berenchtein. **Suicídio**: uma questão de saúde pública e um desafio para a psicologia clínica. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2013.

PAIS, José Machado. Das regras do método, aos métodos desregrados. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, nº 8, v. 1, p. 85-111, maio de 1996.

RIBEIRO, Carolina Nassau; GUERRA, Andréa Maris Campos. **Adolescência, atos e o risco de suicídio**. São Paulo: USP, 2020.

RIBEIRO, José Mendes; MOREIRA, Marcelo Rasga. Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. **Ciênc. saúde colet.**, nº 23, v. 9, Set 2018.

SALES, Samantha Mendonça de; AGUIAR FILHO, André Alcântara. **Suicídio na adolescência**: uma revisão narrativa da Literatura. 2020. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0478.pdf>. Acessado em: 25 de julho de 2022.

SGANZERLA, Giovana Coghetto. Risco de suicídio em adolescentes: estratégias de prevenção primária no contexto escolar. **Psicologia Educacional e Escolar**, v. 25, 2021.

SILVA, K. de F. A. da; ALVES, M. A.; COUTO, D. P. do. Suicídio: uma escolha existencial frente ao desespero humano. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 1, nº 2, jul./dez. 2016.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SOUZA, Renata Pereira Rocha Garcia de. **Fenômeno Bullying no ambiente escolar**. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues. **Três fórmulas para compreender o “suicídio” de Durkheim**. Niterói: Interface, 2002.